



Biscoitos históricos: a musealização da Fábrica Leal Santos – Rio Grande/ RS

Historical biscuits: the musealization of Leal Santos Factory – Rio Grande / RS

NERY, Olivia Silva¹

“Sabores da felicidade, perdida, doces sabores do tempo passado”.

(Luce Giard, 2013)

Resumo: Este artigo se dispõe a discutir sobre as formas de preservação de patrimônios industriais, sendo a musealização uma delas. Nesse sentido, o objeto de análise é a Fábrica de Biscoitos Leal Santos, do interior do Rio Grande do Sul, e o espaço para analisar essa relação é o Museu da Cidade do Rio Grande, na mesma cidade. Para tanto, são utilizadas as mais recentes produções sobre o patrimônio industrial no Brasil e no Mundo para refletir sobre os vestígios materiais deixados pela Leal Santos e seu caráter de objeto museal, e de que forma eles auxiliam a narrar uma história industrial local e, também, nacional.

Palavras-chave: Fábrica Leal Santos. Patrimônio Industrial. Rio Grande. Musealização.

1. Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural (Universidade Federal de Pelotas) – Doutoranda em História - Programa de Pós-Graduação em História – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS – Av. Ipiranga, 6681 - Partenon, Porto Alegre - RS, 90619-900 – Brasil. Bolsista Capes. E-mail: olivianery@gmail.com

Abstract: This article wants to discuss the ways of preserving industrial heritage, with musealization being one of them. In this sense, the object of analysis is the Leal Santos Biscuit Factory, in the south of Rio Grande do Sul, and the space to analyze this relationship is the Rio Grande City Museum, in the same city. In order to do so, the most recent productions on Industrial Heritage in Brazil and in the World are used to reflect on the material vestiges left by Leal Santos and its character as a museum object, and how they help to tell a local industrial history and also, National.

Keywords: Leal Santos Factory. Industrial Heritage. Rio Grande. Musealizing

Introdução

Dentre as diversas temáticas ligadas ao patrimônio cultural, observa-se uma crescente procura na compreensão e na proteção dos vestígios relacionados ao período industrial. Com o fechamento de tantas fábricas no decorrer do século XX, espaços que antes eram habitados por trabalhadores, operários e até familiares, sofrem a ação do tempo e, por vezes, são esquecidos em meio a uma nova etapa econômica ou industrial da cidade. Pesquisadores de diversas áreas, tais como historiadores, antropólogos e arquitetos têm apoiado suas investigações nos vestígios materiais e arquitetônicos destes lugares de trabalho.

Ao falarmos em patrimônio industrial pensamos primeiramente na composição destes espaços de trabalho através dos prédios, galpões, maquinário, bem como da memória e conhecimento daqueles(as) que os habitaram. Dessa forma, o estudo destes patrimônios acaba apresentando conceitos e sentidos complexos (FERREIRA, 2009), principalmente se levarmos em conta o aumento crescente dos processos de musealização e de reconhecimento desse patrimônio industrial.

Este artigo apresenta o processo de musealização de um espaço industrial da cidade do Rio Grande, localizada ao sul do Rio Grande do Sul: a Fábrica de Biscoitos e Conservas Leal Santos. Fundada em 1889 (ainda no Brasil Império) pelo português Henrique Marques Leal Pancada, essa filial portuguesa, já em seus primeiros dias de funcionamento, passou a levar o nome da fábrica ao restante do país, bem como ao mundo através de seus “*biscoutos*”.

Além de uma das primeiras fábricas de biscoitos do Brasil, também ficou famosa pela sua peculiar lata decorada, objeto de desejo e de distinção simbólica. Hoje, muitos dos vestígios materiais que pertenceram a Leal Santos estão musealizados no Museu da Cidade do Rio Grande, auxiliando na narrativa da história industrial local. Fazem parte do acervo do Museu: fotografias, latas de biscoitos, livros, documentos, livros diários, relógio-ponto, bem como outros vestígios materiais da fábrica.

Apesar de ter deixado de produzir seus *biscoutos* na década de 60, a Leal Santos ainda é a única fábrica datada do século XIX e do período da primeira fase industrial da cidade (MARTINS; PIMENTA, 2004). Além dos biscoitos, trabalhou com diversos produtos alimentícios, conservas de legumes e frutas, sucos, peixe em conserva, ervilhas, entre outros.

Conhecendo a Fábrica e seus biscoitos

Antes de apresentar a Fábrica Leal Santos mais detalhadamente, cabe expor aos leitores o local onde ela está inserida para compreendermos o seu contexto histórico, cultural e industrial. Ela foi fundada e está até hoje localizada na cidade do Rio Grande, a mais antiga do Rio Grande do Sul (fundada em 1737), cuja característica mais forte sempre foi a localização geográfica e o seu porto estratégico, particularidade que se mantém até o presente.

Nos séculos anteriores, Rio Grande se destacava no cenário regional e nacional por possuir uma vasta variedade de indústrias, fábricas e um forte comércio. No final do século XIX, “a cidade constituía-se no maior parque industrial do Rio Grande do Sul. Em algumas décadas transformou-se de centro comercial em significativo polo industrial” (BITTENCOURT, 1999, p. 34). A instalação desse significativo número de indústrias não foi uma coincidência, pois foram atraídas pela oportunidade de ficar ao lado de um porto com grande movimentação. Além da Leal Santos, podemos citar a Fábrica Têxtil Rheingantz (1873), a Fábrica de Biscoitos e Conservas Leal Santos (1889), a Fábrica de Charutos Poock (1891) e a Fábrica de Tecidos Ítalo Brasileira (1894). Todas no final do século XIX (TORRES, 2008, p. 16). Sobre as características do processo de industrialização na região sul do Estado, Mertz aponta que:

[...] na história da indústria do Rio Grande do Sul, pode-se acompanhar dois “modelos” de industrialização distintos. O primeiro teve como polo as cidades de Rio Grande e Pelotas. A indústria que lá se origina nasceu com o objetivo de exportar sua produção para o mercado nacional e aproveitou-se das ligações com esse mercado já criadas pelas exportações de produtos vindos da pecuária. Devido ao caráter exportador desses estabelecimentos industriais, tenderam os mesmos a localizar-se junto do único porto de mar do Estado (MERTZ, 1991, p. 424).

Essas fábricas fazem parte da primeira fase industrial da cidade do Rio Grande. Para Martins e Pimenta (2004), foram elas que influenciaram a distribuição urbana e crescimento da paisagem citadina local, com a instalação de suas plantas industriais. A primeira, e talvez aquela que tenha sido mais explorada no campo historiográfico, é a Fábrica Rheingantz.

A Fábrica Leal Santos também foi uma das que movimentou a cidade, levando seu e o do Estado para o restante do Brasil, e também para o exterior. A escolha da cidade para instalar a filial foi de Francisco Marques Leal Pancada, pai de Henrique, um português que quando visitou Rio Grande identificou nela um potencial econômico e social. Depois de longo período, ao retornar para Portugal e com filhos crescidos, decidiu que incentivaria um deles a instalar a filial da Leal Santos, uma industrial alimentícia em Rio Grande (GARCIA, 2001, p. 6).

Assim, essa missão ficou sob responsabilidade do filho mais novo, Henrique Marques Leal Pancada (Portugal, 1874 – Brasil, 1942). Inicialmente a Fábrica estava instalada em um prédio na atual Rua Coronel Sampaio, nos arredores do Porto, em Rio Grande. Em 1905, sua sede para um parque fabril maior, com maquinário mais moderno e uma frota própria de veículos (GARCIA, 2001). Foi nessa sede, na Rua Aquidaban, que a Leal Santos funcionou na maior parte de sua existência, produzindo biscoitos,

conservas, enlatados e pescado.

Figura 1- Fábrica Leal Santos na Rua Aquidaban, s/d - Rio Grande, RS



Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande.

Além das novas instalações, “construiu vinte casas destinadas aos operários e um armazém onde eram vendidos os mantimentos aos trabalhadores fabris” (MARTINS; PIMENTA, 2004, p. 88). Para Martins e Pimenta (2004), o crescimento populacional e a afirmação de Rio Grande como um centro de referência fabril, econômico e cultural são frutos dos investimentos trazidos, principalmente, pelo capital de imigrantes europeus, sendo a Leal Santos um desses. O prédio construído (Figura 1) foi palco da maior parte da história da fábrica, até meados dos anos 80. Foi aí que a Leal Santos conseguiu se afirmar no mercado, disputando lugar com produtos estrangeiros.

O complexo fabril, dividido entre os setores de produção de biscoitos, conservas, pregos, etc., está praticamente todo destruído. Restando apenas alguns galpões, o espaço da fábrica deu lugar a um edifício residencial, estacionamento, lojas comerciais e atendimento hospitalar. Nos anos de 1920, as instalações do setor de conservas da Leal Santos em Rio Grande sofreram um forte incêndio, resultando em uma perda inestimável de maquinário e outros produtos. Por sorte, a filial de Pelotas, localizada na cidade vizinha, havia sido inaugurada alguns meses antes, e a produção das conservas ficou concentrada ali, minimizando o prejuízo e continuando a produção. Na década de 60 a Leal Santos é incorporada ao Grupo de Empresas da Refinaria Ipiranga, deixando de produzir seus biscoitos e, posteriormente, frutas em conserva, gradativamente se dirigindo à produção do pescado. Em 1996 foi vendida para o grupo argentino Benvenuto, e em 2006 foi vendida para o grupo espanhol ACTEMSA, que detém as ações da empresa até os dias de hoje. Atualmente a Leal Santos trabalha exclusivamente com a exportação do atum, suas instalações ficam na IV Seção da Barra do Rio Grande – local de instalação de diversas indústrias, principalmente fertilizantes.

Apesar de estar localizada no extremo sul do país, a Leal Santos era uma fábrica de alcance nacional, o qual pode ser medido através do mapeamento de anúncios de seus produtos em jornais. Foram localizadas propagandas em periódicos de 13 estados brasileiros, além de reportagens e notícias sobre a Fábrica Leal Santos & Cia do Rio Grande. A Figura 2 aponta em azul os estados que contém tais recorrências:

Figura 2 - Estados brasileiros com propagandas/reportagens da Fábrica Leal Santos & Cia (1898 – 1920)



Fonte: Elaborada pela autora

Ressaltamos que a quantidade da recorrência não é homogênea em todos os estados, sendo maior no Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, provavelmente em decorrência de ser onde estavam instaladas as filiais, pois, após ter trazido a fábrica para Rio Grande, instalaram uma casa comercial no Rio de Janeiro, mas que durou pouco tempo. Esse levantamento foi realizado com base nos jornais localizados no acervo digital da Biblioteca Nacional, do período de 1898 – 1920. A repercussão e a fama que os biscoitos da Leal Santos tiveram no decorrer de sua história, também pode ser percebida pela emblemática carta endereçada aos diretores da Leal Santos por Carlos Drummond de Andrade, sobre os biscoitos que comia na sua infância, no interior de Minas Gerais:

[...] outra satisfação, é claro, foi receber os deliciosos presentes que acabaram de chegar, em duas caixas cheias de produtos que põem água na boca e são uma honra para a indústria brasileira de alimentos. Começando a saboreá-los, não pude deixar de lembrar o prazer que me causavam os biscoitos L. S. do começo do século, chegados até a minha cidade do interior mineiro depois de longa viagem em navio, trem de ferro e burro de carga. Suas latas costumavam ter brinde muito apreciado: pequeninos folhetos com histórias infantis coloridas, que tornavam o biscoito ainda mais gostoso, em sua embalagem de papel encerado (ANDRADE, 1972, s/p).

O relato de Carlos Drummond de Andrade atesta a repercussão e fama que os biscoitos tinham no início do século. Ficaram registrados na memória dos seus consumidores, concorriam com os biscoitos estrangeiros no Brasil e acabaram levando o nome da fábrica, bem como da cidade, para o restante do país. Não se trata, portanto, de uma fábrica com pouca relevância historiográfica, mas de uma das primeiras do Brasil nesse ramo e que se destacou em um período cujo transporte de produtos não tinha as facilidades de hoje, e, mesmo assim, era de alcance nacional.

Percebemos, portanto, os aspectos culturais e simbólicos que permeiam os biscoitos Leal Santos, através dos quais podemos compreender o fenômeno de musealização e patrimonialização de alguns de seus vestígios materiais, os quais auxiliam na narração da história industrial da cidade do Rio Grande e também do Brasil.

Patrimônio industrial musealizado: Fábrica Leal Santos no Museu da Cidade do Rio Grande

Identificar um bem cultural como patrimônio cultural, ou com potencialidade de, é atribuir a ele um significado diferente, um caráter simbólico que não está unicamente relacionado a sua materialidade, mas também a sua imaterialidade. Esse é um dos motivos pelos quais muitos objetos são transferidos para museus: seus proprietários enxergam nele algo digno de ser preservado para as gerações futuras. Ao ser identificado como objeto museal, ele é passível de uma proteção especial e, ao falarmos de acervos museológicos, essa característica está latente em cada materialidade das peças que ali estão salvaguardadas.

Muitos objetos da Fábrica Leal Santos, hoje fazem parte do acervo do Museu da Cidade do Rio Grande (MCRG)², na mesma cidade onde a fábrica foi fundada no Brasil. Doados em sua maioria pela família Leal Santos, mas também pela comunidade local que possuía latas de biscoitos e outros produtos e objetos que testemunhavam a história industrial da cidade. O conjunto de peças que narra a trajetória da Leal Santos dentro do acervo museológico preenche o vazio do espaço arquitetônico que foi destruído em grande parte.

O tempo da “cidade das chaminés” (TORRES, 2008) é visto no cenário urbano apenas pelas ruínas das fábricas que movimentavam a vida econômica, cultural e social local. A maioria delas está em estado de abandono ou foram demolidas para construção de edifícios mais modernos. A busca por uma musealização e patrimonialização dos espaços arquitetônicos que as indústrias locais ocupavam não teve força na cidade mais antiga do Rio Grande do Sul, diferentemente como vemos em outros locais do Brasil e do mundo (YAGUI, 2014). Em outros países, muitas fábricas são reformadas ou restauradas e utilizadas como espaços comerciais ou culturais, por vezes preservando sua memória fabril, por vezes apagando-a. Um exemplo de preservação do patrimônio edificado e de sua memória é o caso da cidade vizinha de Rio Grande, Pelotas, que, conforme apresenta Cruz (2013) ao estudar o Frigorífico Anglo, reutilizou o espaço para a Universidade Federal de Pelotas, criando também um memorial.

Nesse sentido, a preservação dos bens culturais móveis que narram a história industrial do Rio Grande dentro dos espaços museológicos torna-se ainda mais importante, pois trata-se de uma maneira essencial, e quase única, de preservar a memória do trabalho e da indústria local. Nesse sentido, o Museu da Cidade do Rio Grande abriga não só os objetos da Leal Santos, mas também de outras fábricas que marcaram a memória e a vida econômica da cidade. A importância que Rio Grande teve na economia do estado, inclusive na indústria alimentícia, é estudada por Araújo (2002), quando analisa a história e distribuição da indústria de alimentos no Rio Grande do Sul:

[...] a Região Pelotas-Rio Grande abrigava atividades mais voltadas para os mercados nacional e externo, como nos casos da indústria de pescado, conserva de frutas e legumes, arroz beneficiado, óleos vegetais e carne bovina. [...]. Com respeito à distribuição espacial da indústria alimentar gaúcha, que mostrou-se menos concentrada em relação ao conjunto da indústria de

2. O Museu da Cidade do Rio Grande foi criado em 1984 pela Fundação Cidade do Rio Grande, a qual mantém o museu até os dias de hoje. Trata-se de um museu privado que tem duas coleções: Histórica e Arte Sacra.

transformação do Estado, verificou-se que as Regiões de Pelotas-Rio Grande, Porto Alegre e as Regiões Coloniais, com destaque para as mais próximas da capital, concentraram a maior parte do emprego, caracterizando-se também pela maior diversidade da produção (ARAÚJO, 2002, p. 13 – 20).

Entretanto, o que podemos perceber é que apesar das indústrias locais terem contribuído para o crescimento da cidade e do Estado, elas não são identificadas pelos poderes públicos e privados como patrimônios culturais. Essa lacuna e a ausência de preservação do bem cultural imóvel (os prédios) e suas histórias, fez com que o MCRG incorporasse a história industrial e do trabalho dentro de sua missão institucional.

Dentro do Museu é possível encontrar vestígios que foram testemunho do cotidiano de muitos operários que enchiam as ruas e casas culturais do Rio Grande do século XIX e XX (ANJOS, 2012). Assim, na exposição permanente “História e Maritimidade da cidade do Rio Grande” há um espaço exclusivo para mostrar aos visitantes, o passado industrial da cidade e seus vestígios materiais: uma composição de fotografias, objetos, documentos que tem o intuito de levar o público para os séculos anteriores, e conhecer a história de um passado operário e industrial.

Nesse espaço é possível observar a musealização e a patrimonialização da história industrial da cidade: olhares atentos e curiosos aos objetos que são expostos com cuidado para preservar sua integridade. Poucos minutos na exposição e é possível observar jovens e crianças se deparam, em grande maioria, pela primeira vez com lugares que hoje são lojas comerciais ou ruínas, e passam a conhecer a origem e história desses locais. Outros se empolgam ao visualizar objetos das famosas fábricas que tanto ouviram seus pais e avós falarem.

Figura 3 - Exposição Museu da Cidade do Rio Grande



Fonte: Museu da Cidade do Rio Grande

Na exposição, é latente a evocação memorial e afetiva que os descendentes desses operários têm ao se deparar com peças, fotografias e documentos que fazem parte da história industrial da cidade, mas também de suas famílias. Reconhecer o poder memorial e identitário que esses objetos possuem no público visitante, é extremamente gratificante para a instituição que os guarda. Os sentimentos e lembranças que surgem no momento de visita do museu demonstram não só a importância da Fábrica para a região, mas também a capacidade memorial e documental que aqueles objetos possuem, cumprindo a sua função como objeto museal, e a partir de um reconhecimento do público, patrimonializados. A imaterialidade de uma peça museológica também está envolvida

no processo de significação que é atribuída pelo público visitante a ela. Um diálogo que é essencial para o reconhecimento e sentimento de pertencimento do público para com o acervo do museu. Através desse contato as peças fortalecem seu caráter museal e simbólico, de relíquia, processo essencial para a construção e fortalecimento do museu e seu acervo. Sobre a importância do contato e interação dos objetos expostos e o público visitante, Marília Xavier Cury (2009) relembra que

[...] o museu vai de encontro à cultura ao assumir que a significação da mensagem museal é uma construção cultural que acontece a partir das mediações do cotidiano do público visitante, ou seja, o cotidiano cultural sustenta a interpretação do público, da mesma forma que o receptor (o visitante de museu) é construtor ativo de sua própria experiência museal. Dessa maneira, a exposição é o local de encontro e negociação do significado museal (a retórica) e do meio (a exposição mesma) para a interação, como diálogo e exercício de tolerância, onde há reciprocidade entre museu e público (CURY, 2009, p. 276).

Entre fotografias, documentos, latas e objetos do trabalho, a trajetória da Leal Santos é contada no Museu. Os detalhes das imagens mostram o momento importante da produção dos biscoitos, da rotina dos trabalhadores, e de aspectos simbólicos e culturais que ultrapassam a barreira da fotografia.

Figuras 4 e 5 - Interior da Leal Santos, século XX



Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Rio Grande

As figuras 4 e 5 mostram fotografias da rotina dos operários que trabalhavam na Fábrica Leal Santos no início do século XX, na primeira, a seção de separação e prova dos biscoitos, na segunda o amanteigamento das formas. Nas duas imagens é possível perceber uma característica dos trabalhadores desse período industrial: principalmente mulheres e crianças. Os dois grupos eram os mais baratos para contratação das fábricas, “em 1890, do total de empregados em estabelecimentos industriais de São Paulo, 15% era formado por crianças e adolescentes” (KASSOUF, 2007, p. 324), sendo uma realidade encontrada em diversas fábricas e indústrias, dos mais variados tipos e produtos que produziam.

Figura 6 - Setor de Soldagem - Fábrica Leal Santos, século XX



Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Rio Grande

Já no setor de Soldagem (Figura 6), o trabalho era estritamente masculino: a confecção das famosas latas Leal Santos. Uma das características da fábrica é que conseguia dar conta da maioria da produção de suas embalagens, produzindo desde latas, estampanaria, até os pregos que fixavam os caixotes para serem transportados para o restante do país. As fotografias preservam a rotina e o prédio, os rostos dos operários que eram vigiados pelo olhar atento do encarregado.

Os galpões que não existem mais ficam apenas na memória das pessoas que conheceram e moravam pelo local, o burburinho dos operários na entrada e saída da fábrica, o apito que guiava os vizinhos na hora de levantar da cama, conforme é lembrado pelo entrevistado Jair Ferreira (2016), que por muitos anos acompanhou da janela de sua casa o movimento da Leal Santos.

Eu prestava muita atenção a esses apitos, pois me diziam se eu estava atrasado ou não, se tinha que me preparar para ir ao colégio. O maior susto era acordar com o apito longo, sinal que estava atrasadíssimo: tinha que me aprontar correndo. Guiava a rotina do início da manhã: acordar, se lavar, se vestir, ir buscar o pão na padaria Moderna, tomar café e sair para o colégio. [...]. Um costume interessante é que, nessa época, sem televisão, muitas donas de casa iam para a janela perto das 17h30: a saída da Leal Santos era uma das distrações (FERREIRA, 2016).

Mas a rotina dos operários na Fábrica não está preservada apenas nas fotografias e memória dos depoentes, está também em outros objetos que fazem parte do acervo do museu. Um deles, e com uma importância simbólica singular, é o relógio-ponto da Leal Santos (Figura 7), utilizado na fábrica de Biscoitos do final do século XIX até as primeiras décadas do século XX.

Figura 7 - Relógio-ponto da Leal Santos em exposição no MCRG



Fonte: Acervo pessoal

A importância do relógio ponto no cotidiano das fábricas no período industrial é uma das referências no filme mais emblemático a respeito: “Tempos Modernos” (1936). Charles Chaplin na rotina desgastante da fábrica, sob o olhar atento do patrão, demonstra em várias cenas a preocupação e relação dos trabalhadores com o relógio: estar sempre no horário, poucas horas de intervalo, o ponteiro que calcula o tempo e o dinheiro. A Figura 8 saída de parte dos funcionários da Leal Santos depois de um turno de trabalho, guiados pelo relógio.

Figura 8 – Saída dos funcionários – Fábrica Leal Santos, século XX



Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Rio Grande

Apesar da dificuldade de encontrarmos os operários que utilizavam esse objeto em sua rotina de trabalho, fica no imaginário coletivo a importância que esse objeto tinha na vida dos trabalhadores. Nesse caso, o relógio-ponto da Leal Santos no Museu da Cidade do Rio Grande, é mais um vestígio da história industrial local, musealizado e preservado. Pois os objetos são testemunhos, documentos que auxiliam a entender o contexto histórico e cultural em que foram produzidos e utilizados. Um estudo a partir dos objetos permite conhecer detalhes de história e memória que talvez não fossem possíveis em outro suporte memorial,

[...] o objeto museal estabelece os vínculos de sua relação com o homem como também, através dele temos condições de entender os processos históricos,

FACES DA HISTÓRIA, Assis-SP, v.4, nº1, p. 73-89, jan.-jun., 2017.

onde estes estão imersos, no momento de sua criação e utilização pelo homem, tendo como princípio que a cultura não é neutra (NASCIMENTO, 1994, p. 9).

O que Rosana Nascimento (1994) aponta é, justamente, o caráter documental que os objetos museais possuem. São pontes com o passado, vestígios que auxiliam a compreendê-lo, bem como o tempo presente (DOHMANN, 2013). Proporcionam para os visitantes a compreensão da história de um passado industrial. A partir dos objetos, os visitantes podem fazer conexões com as relações de trabalho nos dias de hoje, e formular um pensamento crítico entre outras formas de apropriação que os acervos museológicos, principalmente os expostos, despertam nos indivíduos.

Do trabalho e produção, até o degustar e o apreciar dos biscoitos Leal Santos: quase todas as fases da história da fábrica podem ser encontradas no acervo do MCRG e também de sua exposição. Se as fotografias e o relógio-ponto demonstram a rotina dos operários, narrando sobre um período industrial crucial para a história local e nacional, as latas de biscoito contam sobre os aspectos simbólicos e de distinção social em que eram vendidos e consumidos.

Os biscoitos Leal Santos, distribuídos e anunciados em quase todo o Brasil, eram vendidos, em sua maioria, nas latas. Essas não só marcaram a memória de seus consumidores, mas também representavam bem o período histórico e cultural em que eram vendidas. A virada do século XIX para o XX foi marcada por grandes transformações nas paisagens urbanas e na vida cultural e social das pessoas no país, no período caracterizado por *Belle Époque* brasileira. Uma de suas características, segundo Nicolau Sevcenko, era a influência europeia, principalmente a francesa, no cotidiano das cidades (SEVCENKO, 1998, p. 26). A própria apresentação da venda dos biscoitos nas suas famosas latas pode ser associada a uma tendência europeia do período, pois:

[...] a valorização social começara a fazer-se em volta de outros elementos: em torno da Europa burguesa, donde nos foram chegando novos estilos de vida, contrários aos rurais e mesmo aos patriarcais: o chá, o governo de gabinete, a cerveja inglesa, a botina Clark, o biscoito de lata (FREYRE apud BITTENCOURT, 1999, p. 31).

A construção da imagem do biscoito tanto para a fábrica, quanto para o consumidor, estava, portanto, relacionada com a valorização de uma cultura europeia em alta, o que justifica a utilização da frase “*iguales aos estrangeiros*” em todas as suas propagandas.

Nesse aspecto, podemos refletir a partir do que propõe o sociólogo Pierre Bourdieu sobre o consumo dos biscoitos a partir de três conceitos-chave do autor: gosto, bem simbólico e distinção social. O gosto, para o autor, pressupõe valores que estão diretamente relacionados ao *habitus* do indivíduo, é uma “objetividade interiorizada” que sempre reproduz as relações de poder e de dominação. A análise sociológica do gosto feita por Pierre Bourdieu é extremamente relevante para essa pesquisa, pois dá a dimensão simbólica e imaterial que era atribuída ao biscoito Leal Santos. Dessa forma, saímos das barreiras da Fábrica para compreender a forma que ela interfere na sociedade, através do seu produto, pois “aqueles que consomem os bens simbólicos

distribuídos no mercado ocupam posições sociais determinadas em função do capital econômico e cultural que dispõe” (BOURDIEU, 2007, p. 25).

Para Bourdieu, os produtos alimentícios, como os biscoitos Leal Santos, podem ser formas de distinção social, e assim, de poder. A dicotomia entre quantidade e qualidade, alimentos que se distanciam da necessidade nutritiva e se aproximam do prazer. Indo além da qualidade do biscoito e do que comê-los representava, temos a sua apresentação: as latas onde eram vendidos os biscoitos Leal Santos auxiliavam para serem artigos de luxo e de fetiche, principalmente pelo fato de que os biscoitos quebrados, e que não eram colocados nas latas, eram vendidos a preços bem mais acessíveis, a granel.

A oposição principal entre os gostos de luxo e os gostos de necessidade especifica-se em um número de oposições igual às diferentes maneiras de afirmar sua distinção em relação à classe operária e suas necessidades primárias ou, o que dá no mesmo, igual aos poderes que permitem manter a necessidade à distância. Assim, na classe dominante, pode-se distinguir, simplificando, três estruturas de consumo atribuídas em três itens principais: alimentação, cultura e despesas com a apresentação de si e com representação (BOURDIEU, 2007, p. 174).

Nesse sentido, podemos partir da hipótese de que juntamente com os biscoitos, vendia-se também um estilo de vida. Estilo esse que se baseava no francês e inglês, pois no século XX esses eram os comportamentos que ditavam moda nas famílias mais abastadas brasileiras. João Marinômio Lages, professor riograndino, relembra os biscoitos Leal Santos em um artigo publicado no Jornal Agora, jornal de maior circulação atualmente na cidade do Rio Grande:

Os biscoitos “Leal Santos” pela excelente qualidade se tornaram conhecidos em todo mercado nacional, nas mais variadas modalidades ou marcas: “cream crack”, “água e sal”, “maria”, “champagne”, “chocolate”, etc, que se apresentavam embalados em celofane, em papel encerado ou em latas com bonitas litografias. Durante muitos anos as latas com biscoitos “Leal Santos” eram uma das opções que os visitantes da cidade do Rio Grande levavam como presentes, como também o faziam com os tecidos da “Rheingantz”, da “Fábrica Nova”, os charutos “Poock” e os doces do “Sol de Ouro” (LAGES, 2012, p.1.).

O depoimento de Lages demonstra como eram bem vistos os biscoitos produzidos pela Leal Santos, que eram levados como lembranças locais. A análise das propagandas possibilita, portanto, compreender o consumo desse bem simbólico e sua representação para os consumidores, como também os contextos políticos do período. O Senhor Jair Ferreira, ex-vizinho da fábrica e entrevistado para essa pesquisa, narrou sobre a facilidade que eram encontrados os biscoitos Leal Santos na cidade, eram vendidos em quase todos os armazéns locais, a granel ou em latas decoradas pela própria Leal Santos, que vinham com estampas temáticas (Figura 9).

Figura 9 - Lata de Biscoitos Leal Santos, sem data.



Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Rio Grande.

As latas dos biscoitos eram um dos “charmes” da época. Em 2010 a escritora portuguesa Ana Marques Pereira publicou em sua página lusitana “Garfadas Online” um artigo sobre a Fábrica de Biscoitos Leal Santos e suas latas, apresentando a foto de uma delas (Figura 5).

Em primeiro lugar não é uma caixa qualquer. Apesar de não estar em bom estado, tratase de uma caixa da primeira fábrica de bolachas do Brasil, que ainda por cima se caracterizava por ter a sua própria litografia e confeccionar não só os produtos alimentares, mas também as respectivas embalagens. [...] Os brasileiros recordam-se dela como sendo a produtora das bolachas “Maria”, mas na realidade foi muito mais do que isso. Pedro da Silva Nava (1903-1984), médico e escritor brasileiro do livro “Balão Cativo” chamou as bolachas da Leal Santos de “históricas e recordou as caixas azuis em que vinham acondicionadas. (PEREIRA, 2010, s/ p.).

Tratam-se, portanto de biscoitos (e de suas latas) reconhecidas em grande parte do território nacional, e suas propagandas anunciam não só os biscoitos, mas um estilo de vida e uma cultura da época, tal como percebemos em muitos anúncios do início do século XX:

Figura 10 - Propaganda Biscoitos Leal Santos

A creada: - Nenê! Manda estes biscoitos do Rio Grande, para você tomar com leite.

A menina: - Mamãe é muito boa, mas eu já tive o cuidado de trazer comigo desses mesmos biscoitos, de Leal Santos & C. Sem eles não passo não, que não sou tola! ...

A venda em todas as casas de 1º ordem. Tão bom quanto os estrangeiros e 50 % mais baratos.



Fonte: Revista O Malho, 1906, p. 2

Nessa propaganda o consumidor principal dos biscoitos está representado de

forma elegante, prezando pela aparência da menina, como também do cenário que compõe a mesa do café e, ainda, a presença de uma criada doméstica. Além disso, percebemos a questão do *habitus* primário relacionado ao gosto de luxo, quando as propagandas apresentam crianças consumindo os bens simbólicos de distinção social. O bom gosto que é incentivado desde a infância através do consumo desses bens junto ao capital cultural e econômico dos sujeitos. Um *habitus* que está diretamente relacionado a um estilo de vida, a um gosto das frações de cada classe social. São, para Bourdieu, os espaços das preferências ligadas ao vestuário, alimentação e cosmética (BOURDIEU, 2007, p. 196).

Há, portanto, uma rede de significados e histórias que são inicialmente imperceptíveis aos objetos. É necessário um olhar atento e curioso para desvendar ou “escutar” aquilo que os objetos museais podem contar. Mas há também aqueles que imediatamente se recordam de fatos e histórias pessoais conectadas aos objetos, como é o caso do sr. Antônio que ao se deparar com a lata de biscoitos da Leal Santos em exposição, imediatamente exclamou: “Nossa, como era bom abrir a lata e sentir o cheiro dos biscoitos novinhos, que saudade”³. Essa evocação memorial feita através dos objetos expostos e, nesse caso, das latas e seus biscoitos, dá sentido ao pensamento de Giard (2013) trazido na epígrafe desse trabalho, demonstrando a forte relação entre memória e os sabores nostálgicos do passado. Nesse sentido, cabe aos museus incentivar o diálogo entre objeto e visitante, proporcionar informações que colaborem com a educação informal dentro do espaço museológico, valorizando o seu acervo.

A musealização como estratégia de preservação do patrimônio industrial: aspectos conclusivos e de reflexão

Ao analisar o contexto de produção e consumo dos biscoitos a partir das latas, um universo de cultura e de imaterialidade a partir das peças do museu se abre. Os museus são instituições de memória que necessitam de movimento contínuo, cíclico, que permitem o diálogo entre público e acervo. Trocando significados e sentimentos, informações e histórias. É o contato e a forma com que o público se apropria do acervo que faz com que ele seja de fato preservado material e imaterialmente dentro da sociedade, que seja visto como um patrimônio cultural. Pois os museus são:

[...] janelas, portas e portais; elos poéticos entre a memória e o esquecimento, entre o eu e o outro; elos políticos entre o sim e o não, entre o indivíduo e a sociedade. Tudo o que é humano tem espaço nos museus. Eles são bons para exercitar pensamentos, tocar afetos, estimular ações, inspirações e instituições (CHAGAS; STORINO, 2007, p. 6).

São nesses espaços que os objetos se tornam pontes de memória e história. Tratando do patrimônio industrial, os museus são espaços que podem preservar seus vestígios, que corroboraram para o desenvolvimento da vida econômica, cultural e social dos lugares, divulgando sobre as histórias e conhecimentos que o envolvem (MATOS; SAMPAIO, 2014). Mesmo que não sejam museus exclusivamente dedicados a história industrial, naquelas cidades onde as marcas do passado industrial são latentes

3. Depoimento recolhido durante visita no Museu da Cidade do Rio Grande. O nome Antônio é fictício, a fim de preservar a identidade do depoente, conforme solicitado pelo mesmo.

no cenário e na memória cidadina, são espaços que podem propor o diálogo e difusão do conhecimento desses espaços que envolveram centenas de trabalhadores, e, indiretamente toda a região.

Preservam nos vestígios momentos do cotidiano fabril, e também o rosto dos personagens que deram vida aos pavilhões, e vida aos produtos que eram vendidos. Através de fotografias, objetos e documentos, os museus têm a missão de contribuir para evitar o esquecimento da história e memória industrial dos locais, principalmente aqueles que não possuem mais a preservação dos prédios, como é o caso do Museu da Cidade do Rio Grande.

Matos e Sampaio (2014) apresentam alguns exemplos de museus que vão nessa direção se dedicam a preservar a história e o patrimônio industrial em Portugal e em outros países. Depois de perderem o seu uso funcional para o qual foram confeccionados, os objetos industriais ganham no Museu uma segunda vida. O conceito de segunda vida para os objetos que são transferidos para os museus e outros espaços memoriais é defendido por Octave Debary (2010), para ele os museus dão às coisas uma segunda chance, uma segunda vida, pois talvez a maioria dos objetos, se não estivessem ali, seriam descartados ou acomodados em lugares “sem vida”, em silêncio e sem utilidade. Em sintonia com Debary, Joaquim Pais de Brito (2010) entende que quando o objeto é doado para o museu, ele recebe uma “nova vida”, e nesse momento ele dá a possibilidade de entender não só sobre o seu ciclo de vida material, mas também o ciclo de vida dos indivíduos e dos grupos sociais, para os quais apresentou algum sentido e utilidade.

Nesse caminho, o trabalho de José Amado Mendes (2012), dá uma importante contribuição para o assunto. Retrata não só o papel dos museus para a preservação da história e do patrimônio industrial, mas também dos novos usos que as construções industriais podem adquirir, principalmente em Portugal. Entretanto, conforme nos apresenta Silva (2014), ainda há muito que progredir e discutir no cenário brasileiro no que tange a patrimônio industrial e museus.

Dessa forma, a preservação do patrimônio industrial através da sua musealização, é um dos caminhos a ser seguido em realidades onde o bem de pedra e cal já não existe mais. Preservar os vestígios materiais e imateriais que um dia deram vida aos galpões e máquinas. O caso apresentado nesse texto é um dos exemplos de preservação e divulgação da memória industrial de cidades que tiveram um passado marcado pela presença de fábricas.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. Carta. 12 de fevereiro de 1972. Rio de Janeiro. FÁBRICA LEAL SANTOS. Rio Grande. 1 fl. Agradecimento envio de biscoitos.

ANJOS, Danielle Manczak. *Acervo e Sociedade – Museu da Cidade do Rio Grande – RS*. 2012. 170 f.. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.

ARAÚJO, Nilton Clóvis Machado de. Origens e evolução espacial da indústria de alimentos do Rio Grande do Sul. ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA, 1., 2002, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: PUC/FACE, 2002. Disponível em: < >. Acesso em:

BITTENCOURT, Ezio. *Da rua ao Teatro, os prazeres de uma cidade: sociabilidades*

FACES DA HISTÓRIA, Assis-SP, v.4, nº1, p. 73-89, jan.-jun., 2017.

& cultura no Brasil Meridional – Panorama da História de Rio Grande. Rio Grande: EDFURG, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção crítica social*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouka, 2007.

BRITO, Joaquim Pais de. L'objet, le musée et la main interdite. *Dossier des Mélanges de la Casa de Velázquez* [online] 40 (1), 2010. Disponível em: < >. Acesso em:

CHAGAS, Mário Souza; STORINO, Cláudia M. P. Museus são bons para pensar, sentir e agir. *MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia*, Rio de Janeiro, n. 3, 2007.

CRUZ, Ubirajara Buddin. Frigorífico Anglo de Pelotas, uma nova história. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 3, n. 9, jul./ dez. 2013.

CURY, Marília Xavier. Novas perspectivas para a comunicação museológica e os desafios da pesquisa de recepção em museus. SEMINÁRIO DE INVESTIGAÇÃO EM MUSEOLOGIA DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA E ESPANHOLA, 1., 2009, Porto. Atas... Porto: Universidade do Porto, 2009.

DEBARY, Octave. Segunda mão e segunda vida: objetos, lembranças e fotografias. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 2, n. 3, ago./nov. 2010.

DOHMANN, Marcus. *A experiência material: a cultura do objeto*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

FERREIRA, Jair. Depoimento online escrito. 05 de abril de 2016. Concedido ao autor.

FERREIRA, Maria Letícia. Patrimônio industrial: lugares de trabalho, lugares de memória. *Revista Museologia e Patrimônio*, vol. II, n. 1, jan./jun. 2009.

GARCIA, Ayrton Sanches. *Leal Santos: trajetória histórica*. Monografia (Especialização) – Pós-Graduação Lato Sensu Rio Grande do Sul: educação, sociedade e cultura. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2001.

GIARD, Luce. Cozinhar. In: CERTAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2013.

KASSOUF, Ana Lúcia. O que conhecemos sobre trabalho infantil? *Revista Nova Economia*, Belo Horizonte, 17 (2), p. 323-350, mai./ago. 2007.

LAGES, João Marinômio Carneiro. Os biscoitos Leal Santos. *Jornal Agora* [online], ago. 2012. Disponível em: <<http://www.jornalagora.com.br/site/content/noticias/detalhe.php?e=5&n=32177>>. Acesso em: 09 jun. 2016.

MARTINS, Solismar Fraga e PIMENTA, Margareth Afeche. *A constituição espacial de uma cidade portuária através dos ciclos produtivos industriais: o caso do município do Rio Grande (1870-1970)*. *Revista Brasileira Estudos Urbanos e Regionais*, v. 6, n.1, p. 85-100, 2004.

MATOS, Ana Cardozo de. e SAMPAIO, Maria da Luz. Patrimônio industrial e museologia em Portugal. *Revista Museologia e Interdisciplinaridade*, vol. III, n. 5, mai./ jun. 2014.

MENDES, José Amado. O património industrial na museologia contemporânea: o caso Português. *Ubimuseum – Revista online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior*, n.1, p. 89-104, 2012. Disponível em < <http://www.ubimuseum.ubi.pt/>

n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/cs3-mendes-jose-amado-o-patrimonio-industrial.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2017.

MERTZ, Marli. A burguesia industrial gaúcha e suas tentativas de organização: de sua origem a 1930. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, 12 (2), p. 422-444, 1991.

NASCIMENTO, Rosana. O objeto museal como objeto de conhecimento. *Cadernos de Museologia*, v. 3, n. 3, 1994. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/304/21>> Acesso em: 10 fev. 2017

PEREIRA, Ana Marques. 2010. *Uma caixa da Fábrica de Biscoitos Leal, Santos & Cia*. Disponível em: <<http://garfadasonline.blogspot.com.br/2010/09/uma-caixa-da-fabrica-de-biscoitos-leal.html>> Acesso em: 09 jun. 2016.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução. In: NOVAIS, Fernando A (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Ronaldo André Rodrigues da. Patrimônio industrial: proposta de musealização no Brasil. CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PATRIMÔNIO INDUSTRIAL, 2., 2014, Porto. *Caderno de resumos...Porto*: [s.n.], 2014. Disponível em < https://www.researchgate.net/publication/265851088_Patrimonio_Industrial_Propostas_de_Musealizacao_no_Brasil> Acesso em: 04 mar. 2017.

TORRES, Luiz Henrique. Cronologia Básica da História da Cidade do Rio Grande (1737 – 1947). *BIBLOS*, Rio Grande, 22(2), p. 9-18, 2008.

YAGUI, Miriam Midori Peres. *Museus e patrimônio industrial: um estudo sobre a musealização do setor elétrico no Estado de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2014.